



# ESPALHA EDH



infomativo mensal sobre educação em  
direitos humanos

maio | 2020 | 3

Departamento de  
Educação em Direitos  
Humanos  
Secretaria Municipal de  
Direitos Humanos e  
Cidadania

## TEMA DO MÊS: TRABALHO

### "ESTUDAR, BRINCAR, VIVER... TRABALHAR, SÓ QUANDO CRESCER"

O projeto da Rede Municipal de Ensino escolhido para este mês busca trazer a reflexão sobre o combate ao trabalho infantil. O Brasil possui 3,4 milhões de crianças e adolescentes de 10 a 17 anos de idade (IBGE 2010), trabalhando ao invés de estar estudando ou brincando, o que prova que ainda temos muito a fazer para combater esse tipo de trabalho. Convidamos a professora Débora Garofalo para falar um pouco sobre a experiência do projeto realizado na Emef Almirante Ary Parreiras.

[LINK PARA ENTREVISTA NA PÁGINA 02](#)



## EDITORIAL

Neste mês de maio, trouxemos para vocês o debate sobre o tema "trabalho".

Veja na página 01

## LUGARES DE MEMÓRIA

Das ruas às celas: a luta por direitos trabalhistas.

Veja na página 03

## CULTURA

No contexto da pandemia, depoimentos de quem trabalha com cultura

Veja na página 05

## PERFIL DH

As novas ferramentas de trabalho para a divulgação de conhecimento

O trabalho é algo presente na história humana, no qual é possível perceber sua evolução e as diversas áreas de atuação que se modificam de acordo com a necessidade e avanços tecnológicos. Dessa forma, podemos perceber que com a globalização e a ampliação da acessibilidade à tecnologia, novas profissões surgiram ou evoluíram. Pag. 7



## CARA LEITORA E CARO LEITOR

Para esta terceira edição do Espalha EDH – Informativo sobre Educação em Direitos Humanos, nós do Departamento de Educação em Direitos Humanos elegemos o tema “trabalho”. Devemos lembrar que o Art. 6º da Constituição Federal de 1988 definiu que “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Já o Art. 7º elenca 34 itens relativos às garantias trabalhistas, alguns muito interessantes quando olhamos pela lupa dos Direitos Humanos:

“IV - salário mínimo , fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender a suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim;

XVIII - licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com a duração de cento e vinte dias;

XX - proteção do mercado de trabalho da mulher, mediante incentivos específicos, nos termos da lei;

XXX - proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil;

XXXI - proibição de qualquer discriminação no tocante a salário e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência;

XXXIII - proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos.”

Contudo, na prática, sabemos que o salário mínimo ou paga aluguel ou paga plano de saúde ou paga educação, não sendo possível garantir os mínimos necessários ao trabalhador. Ao mesmo tempo, embora a Constituição Federal determine, não há políticas públicas de garantia do mercado de trabalho para a mulher e vemos a diferença salarial entre homens e mulheres exercendo as mesmas funções, numa flagrante discriminação de gênero. Nesses tempos de pandemia causada pelo COVID-19, uma das áreas mais afetadas foi o trabalho. Muitas pessoas estão desempregadas e outras sendo demitidas. O Departamento de Educação em Direitos Humanos, da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, entende que #SeguimosPerto, e por isso buscamos levar a vocês informações sobre direitos humanos e trabalho. Elegemos o tema em referência ao 1º de Maio, Dia do Trabalho ou do Trabalhador. A data foi definida em fins do século XIX, nos Estados Unidos, em razão de uma onda de manifestações e conflitos violentos desencadeados a partir de uma greve geral na cidade de Chicago. A paralização afetou os parques industriais da cidade, no dia 1º de maio de 1886, e resultou em forte repressão policial, o que estimulou mais manifestações nos dias seguintes.

Aproveitem a leitura e #SeguimosPerto. Enviem sugestões, críticas, elogios! Participem!!

**EQUIPE EDH**

# EDH NA REDE



<https://youtu.be/YvxoGlsJrOk>

# LUGARES DE MEMÓRIA

DAS RUAS ÀS CELAS

No Brasil, a menção ao 1o de maio começou na década de 1890, quando a República já estava instituída e o país iniciava um processo acentuado do desenvolvimento da indústria brasileira. Nas duas primeiras décadas do século XX, começaram a se formar os movimentos de trabalhadores organizados, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, os maiores pólos industriais. Entre esses movimentos, figuravam ideologias como o anarcossindicalismo, de matriz italiana, e o comunismo.

Em 1917, a cidade de São Paulo protagonizou uma das maiores greves gerais já registradas. O movimento dos trabalhadores foi crescendo no início do século XX e adquirindo forma, tanto que, em 1924, o então presidente Arthur Bernardes acatou a sugestão que já ventilava em várias partes do mundo de reservar o 1o de maio como Dia do Trabalho no Brasil. Assim, a partir daquele ano, a data passou a ser feriado nacional. Com o passar das décadas e a evolução da indústria no Brasil, cresceu, também, o movimento sindical. E este foi um dos primeiros pontos de repressão quando da instituição da Ditadura Militar no país.

Em 1964, logo após a Intervenção do Estado sobre o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, os antigos dirigentes ligados ao PCB e ao PTB foram perseguidos, presos e torturados. Diante deste cenário, os empresários se sentiram livres para implantar nas fábricas um sistema de exploração e opressão, com o respaldo de um regime ditatorial. Nesse momento surge um grupo de resistência, formado por trabalhadores e militantes - a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (OSM-SP).

A atuação da OSM-SP no movimento sindical ocorreu dos anos 1960 aos 1990 e influenciou a criação de Oposições Sindicais em todo o Brasil, cujas articulações culminaram na criação da CUT. Durante o regime militar a OSM-SP teve toda sua coordenação presa e torturada, em 1974, e três de seus principais militantes assassinados: Olavo Hansen, Luiz Hirata e Santo Dias, e dezenas de militantes desempregados e perseguidos pela ditadura e outras dezenas presos e torturados.

Os principais mecanismos de repressão utilizados contra os trabalhadores e militantes eram: prisões e torturas, assassinatos, infiltração de agentes da repressão nos locais de trabalho e organização e a vinculação entre as seguranças privadas e o aparato repressivo estatal. José Ibrahim, representante da União Geral dos Trabalhadores, participante da direção de um movimento grevista ocorrido em 1968 que foi fortemente reprimido pelo governo afirmou que a UGT "Foi o primeiro sindicato que sofreu intervenção". Ele relatou para a Comissão Estadual da Verdade que os trabalhadores lutavam "contra a repressão do governo, o arrocho salarial, pela existência de um sindicato com o mínimo de liberdade e pelo direito de greve".

De acordo com Ibrahim, as reuniões eram feitas na clandestinidade, geralmente em igrejas: "Tínhamos consciência do perigo que corríamos, mas também sabíamos da necessidade de lutar". O sindicalista foi preso em fevereiro de 1969 e liberado um ano depois, na troca com o embaixador americano Charles Elbrick (seqüestrado por grupo de resistência à ditadura). Após a liberação, Ibrahim exilou-se no México, Cuba, Chile e no continente europeu

Para saber mais sobre a luta operária e a resistência à ditadura militar, acesse o projeto Marcas da Memória, do IIEP (Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas), no link: <https://iiepmemoriaoperaria.wordpress.com/>

# CULTURA DH

A Cultura é uma garantia Constitucional prevista no art. 215 da CF, e expressa que: O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos Culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações.

Em tempos de Pandemia, os decretos preventivos para conter a transmissão do Covid-19 atingiram diretamente a Cultura ao suspender a programação e fechar teatros, cinemas e museus.

A palavra mais escutada neste setor foi "CANCELADO". Shows, feiras, eventos, peças de teatro, ensaios, gravações de novelas, filmes, filmes Comerciais, casamentos com música e até festas de aniversário com animação foram primeiramente adiados e por último cancelados.

Quando um artista tem seu trabalho cancelado; roadies, produtores, agentes, técnicos de som e luz deixam também de ganhar.

"Com o Coronavírus a Cultura deve ter R\$ 46 bilhões em perdas e um encolhimento de 24% no setor da Cultura e da Indústria Criativa em 2020" (cálculos da Fundação Getúlio Vargas).

O Departamento de Educação em Direitos Humanos da SMDHC entrevistou alguns artistas para saber como estão sobrevivendo e o quanto foram afetados pela Pandemia.

# /DEPOIMENTOS

Sônia Ferreira - Atriz

No momento não estou fazendo nada como atriz, pois os teatros estão fechados. Estou dando aulas de Artes como Aquarela, Pinturas para Crianças. Estou correndo com os meus testes, que agora são feitos através do celular, eu mesma gravo as cenas e assim estou participando de alguns testes.

LUIZ BUENO - Multi-Instrumentista e integrante do Duofel

Durante a pandemia venho me reorganizando para dois momentos, o agora confinado e o que virá daqui a alguns bons meses ou anos, então continuo estudando, praticando em meus diversos instrumentos de cordas, violão, guitarra, sitar, ukulele, dilruba, e outros. Criei um programa semanal no Instagram onde durante 1 hora converso e toco/tocamos, Cafezinho na Padoca, às terças-feiras, 17h00. Também abri um canal no YouTube onde posto minhas criações durante a quarentena. Agora, quando o assunto é dinheiro, está bem semelhante ao início da carreira. Não tem lugar pra tocar e o negócio são os editais de ajuda emergencial.

Ana Buono - Produtora e Cantora

As lives apenas ajudam o artista a se promover pois não há remuneração mas já começam a surgir algumas alternativas de lives com cobrança de ingressos. A verdade é que estamos mais unidos do que nunca em busca de soluções, o que poderá nos levar a descobertas jamais imaginadas.

Guilherme Bechara - Montador de Filmes

Graças a tecnologia, tudo é feito remoto e online, desde a concepção do projeto, reuniões e entrega do filme finalizado para o cliente. Ainda assim, o próprio meio audiovisual têm divulgado e proposto “vaquinhas” como pedido de colaboração, para ajudar os profissionais que pararam por completo suas atividades por conta da pandemia.

Aline Morena - Cantora e Multiinstrumentista

Estou trabalhando muito mais que antes da pandemia e aguardando os resultados de todos os editais, mesmo os que foram inscritos antes dela tiveram seus resultados adiados! Dando aulas online de canto e fazendo novas ótimas parcerias musicais! Fiz apenas quatro lives e preferi me dedicar a outros projetos, além dos vídeos caseiros! Por aqui, financeiramente, vivendo das aulas e das reservas pessoais!

# PERFIL DH

*As novas ferramentas de trabalho para a divulgação de conhecimento*

O trabalho é algo presente na história humana, no qual é possível perceber sua evolução e as diversas áreas de atuação que se modificam de acordo com a necessidade e avanços tecnológicos. Dessa forma, podemos perceber que com a globalização e a ampliação da acessibilidade à tecnologia, novas profissões surgiram ou evoluíram. Dentro disso podemos citar as modificações dentro da área de comunicação com a criação de podcasts.

Para entender um pouco mais, podcast é uma de transmissão de conteúdo em formato de áudio no qual ocorrem debates e ou exposições de temáticas que podem envolver variados assuntos como política, esportes, cinema entre outros. A produção desses podcasts podem ser expostas em plataformas de streamings ou em sites próprios. Esse formato de conteúdo surgiu em 2004 no Brasil e desde então vem crescendo, visto que é uma forma diferenciada de aprender e debater sobre diversos assuntos.

Por isso, na edição desse mês o ESPALHA EDH trouxe o Filipe Teixeira, criador do podcast O nome disso é mundo, ou ONDEM, para falar um pouco sobre sua produção que trata de variados temas, incluindo turismo, imigração, política e diversidade.



# /ENTREVISTA

## **1- Como surgiu a ideia de fazer um podcast e como o grupo se reuniu ?**

Entre janeiro e maio de 2012, morei em Medellín, na Colômbia, depois me mudei para Lisboa, capital de Portugal. Pouco mais de um ano depois de ter me mudado para terras lusitanas, decidi reunir em podcast as histórias dos brasileiros que eu havia conhecido durante todo esse tempo. Assim, em novembro de 2013, publiquei o primeiro episódio do podcast O nome disso é mundo, ou simplesmente Ondem, em que entrevistei um amigo que morou 11 meses em Duchambé, capital do Tajiquistão. Em 2016, após entrevistar a psicóloga Vanessa Gazetta para um episódio sobre a síndrome do regresso, convidei-a para produzir seu próprio podcast, o Mundo interno, dentro do guarda-chuva do Ondem, sobre as questões emocionais do expatriado. No ano seguinte, outros dois podcasts estrearam na família: O nome disso é África (descontinuado), em que a moçambicana Eliana NZualo fazia entrevistas cujo tema principal era a perspectiva de africanos sobre o continente, e O nome disso é Islã, em que Muhammad Puncha explanava sobre a religião islâmica. Depois, mais três podcasts juntaram-se à rede: O nome disso é política, comandado pelo historiador Heitor Loureiro, O nome disso é diversidade, capitaneado pela jornalista Débora Medeiros, e O nome disso é Nordeste (descontinuado), conduzido por PJ Brandão e Roberto Rudney. Em 2019, Erika Jurdi assumiu como host no O nome disso é mundo. A edição e produção, atualmente, são realizadas pelo Kaio Anderson, da produtora 20a20.

## **2- Como funciona a dinâmica de trabalho ao produzir os podcasts?**

Cada host estabelece sua lista de pautas e entrevistados. Após realizadas as entrevistas, enviam o arquivo de áudio ao editor/produtor, que organiza o cronograma das publicações. Dessa forma, a cada mês, há pelo menos um episódio de cada um dos podcasts da rede.

## **3- Qual é a experiência de produzir esse trabalho?**

Só o fato de reunir pessoas dispostas a difundir conhecimento, seja de qual for a área, já é uma experiência e tanto. E isso é complementado pela satisfação de ver algo sendo construído e deixado para a posteridade, pois uma das grandes vantagens do podcast é a possibilidade de revisitá-los em qualquer ponto do tempo.

## **4- Como a linguagem do podcast pode auxiliar na garantia dos direitos humanos?**

Acredito que a facilidade de produzir e publicar um podcast, além da sua virtual perenidade, são características fundamentais para a difusão de informações. Dessa forma, torna-se possível a divulgação de conhecimentos relativos a várias assuntos, por exemplo os direitos humanos. Na minha experiência em relação ao Ondem, percebi, ao longo do tempo, que vários estereótipos sobre lugares foram quebrados, aumentando minha empatia, assim como a dos ouvintes, que embarcaram em várias discussões trazidas pelos entrevistados.

## **5- Qualquer pessoa pode fazer um podcast ou há requisitos especiais?**

A evolução das ferramentas digitais relacionadas à produção e publicação de podcasts evoluíram de forma significativa desde quando comecei, em 2013. Assim, entendo que, hoje, qualquer pessoa que tenha algo a dizer pode fazer isso através dessa mídia.

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS  
HUMANOS - SECRETARIA MUNICIPAL DE DIREITOS  
HUMANOS E CIDADANIA**

[cedh@prefeitura.sp.gov.br](mailto:cedh@prefeitura.sp.gov.br)